*Brasília, 13 de outubro de 2026*

Seleção

# Sumário

## Terra - Notícias

Sábado, 10 de outubro de 2026 | Direitos Autorais
**Na era da IA, é possível assegurar a autoria de um livro? ..... 3**

## Exame.com

Sábado, 10 de outubro de 2026 | Patentes
**Deep innovation: o desafio de transformar ciência em negócios no Brasil ..... 5**

# Na era da IA, é possível assegurar a autoria de um livro?



Resumo

A Feira do Livro de Frankfurt debate o impacto da inteligência artificial no mercado editorial, abordando **direitos autorais**, regulação e os desafios para identificar a autoria humana em obras literárias. A polêmica foi impulsionada pelo caso de Thélyson Orélien, acusado de usar a tecnologia em seu romance de estreia. Enquanto o setor pressiona por leis mais rígidas contra as gigantes da tecnologia, a IA já se divide entre ameaça à criação tradicional e ferramenta de inclusão e produtividade no meio.

Feira do Livro de Frankfurt debate como a inteligência artificial impacta o mercado editorial e desafia conceitos os de **direitos autorais** e transparência.Até que ponto a inteligência artificial vai transformar o mercado editorial e onde essa mudança ainda pode ser regulada? Este é um dos temas mais debatidos da Feira do Livro de Frankfurt, que termina neste domingo (11/10) na metrópole financeira da Alemanha.

Diante dos alertas sobre os riscos de longo prazo da tecnologia para a humanidade, a discussão pode parecer limitada. Mas, na prática, ela envolve questões muito concretas, como a proteção dos **direitos autorais**, o poder das grandes empresas de tecnologia e o futuro do trabalho criativo. Muitos atores do setor concordam que as medidas políticas adotadas até agora não são suficientes.

Neste ano, porém, um novo aspecto ganhou destaque e se tornou mais urgente do que em edições anteriores da feira: ainda somos capazes de identificar quando um texto foi escrito com ajuda de inteligência artificial? E é possível provar isso?

A relevância do tema ficou evidente com o escândalo literário envolvendo o autor haitiano-canadense Thélyson Orélien. Seu romance de estreia, C'était ça ou mourir (Era isso ou morrer, na tradução livre), foi publicado na primavera canadense e chegou à França no fim do verão. A obra, que narra uma história de migração, recebeu elogios quase unânimes, teve os direitos vendidos para mais de 20 idiomas e chegou à lista preliminar do prestigiado Prêmio Goncourt.

Pouco depois, porém, surgiram acusações de que o livro teria sido escrito quase inteiramente por inteligência artificial. De um dia para o outro, Orélien passou de revelação literária a suposto fraudador, embora negue todas as acusações. Sua indicação ao Goncourt foi retirada. A partir daí surge uma questão central: em quem acreditar? No autor ou nos sistemas que afirmam detectar o uso de IA?

Quando a origem dos textos se torna incerta

"Teremos de aprender a conviver com a dúvida", afirma Hannes Bajohr, professor de literatura alemã na Universidade da Califórnia em Berkeley. Há anos ele pesquisa como a inteligência artificial está mudando não apenas a escrita, mas também a leitura.

Sua previsão é que, se a origem dos textos não puder mais ser determinada com segurança, as obras passarão a ser avaliadas de outra forma. O que importará será a qualidade do texto em si, e não mais a questão de saber se houve ou não assistência de IA durante sua produção.

A escritora best-seller Nina George, presidente honorária do Conselho Europeu de Escritores, discorda dessa visão. Durante a Feira do Livro de Frankfurt, ela recebeu o Prêmio Friedrich Perthes por seu engajamento em temas como inteligência artificial e **direitos autorais**.

George já discursou tanto no Parlamento Europeu quanto no Parlamento alemão sobre os riscos associados aos modelos de IA. Na sua avaliação, é perverso exigir que autores tenham de provar que seus

Continuação: Na era da IA, é possível assegurar a autoria de um livro?

textos foram escritos por seres humanos.

Para ela, a questão central continua sendo a postura das grandes empresas de tecnologia, que utilizam obras protegidas por **direitos autorais** para treinar seus sistemas, e a necessidade de fortalecer a proteção legal dos criadores.

Qualquer pessoa pode virar escritora com IA?

Mas o cenário muda quando o autor não vê a inteligência artificial como uma ameaça, e sim como uma ferramenta.

É o caso do escritor e artista americano que utilizou deliberadamente IA na produção de seu livro autobiográfico How To Win One Million Dollars and Shit Glitter e nunca escondeu isso.

"Sou disléxico", explica. "Sempre gostei de escrever e inventar histórias, mas nunca tive coragem de levar isso adiante."

Segundo ele, a inteligência artificial o ajudou a realizar esse sonho. A ferramenta apontou fragilidades no manuscrito e até sugeriu uma estratégia de marketing que acabou funcionando. Em maio de 2026, o livro recebeu um prêmio da Associação de Editoras Independentes dos Estados Unidos (IBPA).

Um negócio baseado em IA

Para a sul-africana Coral Hart, a inteligência artificial é mais do que uma ferramenta: é a base de seu modelo de negócios.

Publicando sob diferentes pseudônimos, ela lança mais de 200 romances por ano, entre histórias de amor, thrillers e mistérios, todos de forma independente. Hart se descreve simultaneamente como criadora das ideias, editora e publicadora.

Embora ainda não tenha produzido um best-seller, afirma que a atividade é financeiramente viável. Segundo ela, cada um de seus livros alcança mais de 5 mil leitores.

Luke Stoffel considera hipócrita grande parte do debate. Na sua avaliação, muitas editoras já utilizam ferramentas de inteligência artificial em diferentes etapas da produção.

Ele acredita até que, neste exato momento, exista algum best-seller milionário sendo impresso com participação significativa de IA, sem que seus autores admitam isso.

Talvez o caso de Thélyson Orélien seja justamente esse escândalo. Talvez não. O problema é que, daqui para frente, pode ser impossível saber ao certo.

Pressão por mais regulação

Enquanto a discussão sobre autoria continua, o foco político segue voltado para as grandes empresas de tecnologia. Curiosamente, até elas demonstram preocupação em relação à perda de controle sobre os sistemas que ajudam a desenvolver.

Na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, a Associação Alemã do Comércio Livreiro lançou um novo apelo aos governos da Alemanha e da União Europeia para que reforcem a regulamentação da inteligência artificial. O documento já foi assinado por 140 editoras.

Por enquanto, no entanto, trata-se apenas de um apelo. E a discussão sobre o que autores podem ou não fazer ao utilizar inteligência artificial parece estar longe do fim.

---

Não deixe que o algoritmo esconda as notícias. Se você valoriza o trabalho da nossa equipe para uma cobertura jornalística confiável, reserve um momento para nos selecionar como sua fonte preferida no Google clicando aqui. Marque o link da DW quando ele aparecer na lista para sempre ver nossas notícias verificadas primeiro.

# Deep innovation: o desafio de transformar ciência em negócios no Brasil



Brasil avança em inovação, mas ainda precisa conectar capital, empresas, pesquisa e demanda para levar novas tecnologias ao mercado, argumenta Gianna Sagazio

Por Gianna Sagazio*

Há uma mudança importante acontecendo no debate global sobre inovação. E ela vai muito além da inteligência artificial.

No lançamento do Global Innovation Index 2026, Bruno Lanvin chamou atenção para a necessidade de uma nova geração de inovação, uma "deep innovation" que combine ciência profunda, inteligência artificial e capacidade institucional ágil para transformar conhecimento em soluções que cheguem efetivamente à sociedade e ao mercado.

A provocação é especialmente relevante para o Brasil.

Porque o país já construiu uma base que muitos mercados levaram décadas para desenvolver. Temos ciência, universidades, empresas com capacidade tecnológica, empreendedores, uma indústria diversificada e um dos maiores mercados consumidores do mundo. Temos também capital,**propriedade intelectual** e ecossistemas de inovação que ganharam densidade nos últimos anos. O que ainda nos falta é converter essa combinação de ativos em resultados mais amplos e recorrentes.

É justamente essa distância entre capacidade e resultado que o Global Innovation Index 2026 ajuda a revelar.

O Brasil avança, mas ainda tem dificuldade para transformar capacidade em resultado

O Brasil aparece na 53ª posição entre 139 economias e continua, pelo sexto ano consecutivo, como a única economia da América Latina e do Caribe classificada como "over performer" em relação ao seu nível de desenvolvimento. Desde 2019, também está entre os países que mais avançaram no índice. Ao mesmo tempo, o ranking mostra que ainda existe um caminho importante entre construir capacidades e fazê-las produzir impacto em escala.

O cenário internacional ajuda a dimensionar o tamanho dessa corrida. O investimento global em pesquisa e desenvolvimento deverá alcançar US$ 3,4 trilhões em 2026. O P&D; das maiores empresas do mundo chegou a US$ 1,5 trilhão em 2025, enquanto o valor dos investimentos de venture capital em startups inovadoras alcançou US$ 510 bilhões, crescimento de 28% em relação ao ano anterior. Ao mesmo tempo, esse capital está cada vez mais concentrado: a inteligência artificial respondeu por 53% do valor global das operações de venture capital em 2025 e chegou a 77% no primeiro semestre de 2026.

Esses números mostram duas coisas. A primeira é que inovação continua recebendo volumes extraordinários de capital. A segunda é que a competição está se tornando mais seletiva e concentrada. Para países como o Brasil, portanto, não basta participar desse movimento. É preciso criar condições para que conhecimento, capital e capacidade empresarial se encontrem em torno de tecnologias capazes de gerar novos mercados e elevar a produtividade.

O Brasil tem alguns ativos particularmente relevantes. Ocupa a oitava posição em tamanho do mercado doméstico, a oitava em atividade de marcas, a 13ª em pagamentos por **propriedade intelectual**, a 16ª em venture capital em estágio avançado e a 23ª em investidores corporativos em P&D.; São Paulo aparece na 49ª posição entre os principais clusters de inovação do mundo.

Mas a fotografia também mostra onde a conversão ainda não acontece na mesma velocidade. O país

Continuação: Deep innovation: o desafio de transformar ciência em negócios no Brasil

está na 94ª posição em crescimento da produtividade do trabalho, na 36ª em P&D; realizado pelo setor privado, na 129ª em ambiente de negócios e na 101ª

em graduados em ciência e engenharia. O desafio

brasileiro, portanto, não é apenas aumentar os componentes do sistema. É fazer com que eles produzam mais resultados econômico e social.

Deep tech coloca ciência, capital e indústria na mesma corrida

Essa discussão ganha uma dimensão ainda mais estratégica quando olhamos para a chamada deep science ou deep tech, como o termo é mais conhecido no ambiente empresarial.

O GII 2026 identificou mais de 30 mil empresas de ciência profunda criadas desde 2000, responsáveis por um valor combinado de aproximadamente US$ 7,6 trilhões. São empresas que atuam em áreas como biotecnologia, novos materiais, energia, semicondutores, robótica, espaço, dispositivos médicos e tecnologias avançadas para agricultura e alimentos.

O Brasil aparece com 53 empresas desse universo, duas delas já em estágio avançado de financiamento. Entre 2020 e 2025, o número de deep science startups brasileiras cresceu 96%, uma das maiores taxas entre as economias de renda média.

O significado desses dados vai além do número de startups. Deep tech representa uma mudança na própria natureza da competição. São tecnologias que frequentemente exigem anos de pesquisa, infraestrutura especializada,**propriedade intelectual**, certificações, capital paciente e parceiros capazes de transformar conhecimento científico em produto, produção e mercado.

O "vale da morte" entre o laboratório e o mercado

É nesse percurso que surge o chamado "vale da morte" da inovação. Uma tecnologia pode funcionar no laboratório e ainda estar muito distante de ser economicamente viável. Pode superar a prova de conceito e não conseguir chegar à industrialização. Pode-se realizar um piloto bem-sucedido e, ainda assim, não encontrar capital, infraestrutura ou clientes suficientes para avançar.

O GII mostra que esses gargalos aparecem especialmente nas etapas posteriores de financiamento, quando as empresas precisam deixar de provar que a tecnologia funciona e começar a provar que conseguem crescer.

O Brasil já tem exemplos concretos dessa capacidade de atravessar essa fronteira. A Brain4Care desenvolveu uma tecnologia médica não invasiva para monitoramento da dinâmica intracraniana, combinando sensores, ciência e inteligência artificial, e avançou em processos regulatórios no Brasil e nos

Estados Unidos. Outro exemplo é a Eve Air Mobility, empresa que nasceu da Embraer-X e desenvolve um eVTOL elétrico para mobilidade aérea urbana. Em agosto de 2026, seu protótipo realizou o primeiro voo parcial de transição, um marco importante no caminho para a certificação e a futura operação comercial.

São trajetórias diferentes, mas revelam algo importante: conhecimento científico e engenharia avançada só produzem todo o seu valor quando conseguem atravessar sucessivas fronteiras: pesquisa, protótipo, validação, certificação, produção e mercado.

É nesse percurso que precisamos concentrar parte importante da nossa atenção.

P&D; empresarial precisa ocupar outro lugar na estratégia

A primeira mudança é compreender que P&D; empresarial não pode ser tratado apenas como despesa ou como objeto de incentivo fiscal. Deve ser entendido como prioridade e como uma das grandes estratégias de desenvolvimento da indústria e do país. A capacidade de gerar conhecimento, tecnologia e inovação própria determina, cada vez mais, produtividade, competitividade, empregos qualificados e, em última instância, desenvolvimento e qualidade de vida.

Em setores estratégicos, isso significa aproximar empresas e centros de pesquisa de maneira mais estruturada. Empresas precisam participar não apenas da absorção do conhecimento produzido pela academia, mas também da definição dos problemas que a pesquisa deve ajudar a solucionar. A relação precisa evoluir de uma lógica de transferência de conhecimento para uma lógica de construção conjunta de soluções.

O capital precisa acompanhar a tecnologia até a escala

A segunda mudança é financeira. Precisamos de uma cadeia de capital que acompanhe a tecnologia ao longo de sua trajetória, inclusive nas fases em

Continuação: Deep innovation: o desafio de transformar ciência em negócios no Brasil

que o risco permanece elevado e o volume de recursos necessários aumenta. Financiar a pesquisa e apoiar o nascimento de uma startup não é suficiente se a empresa não encontra instrumentos para validar, industrializar e conquistar seus primeiros mercados.

Sem demanda, a tecnologia não chega ao mercado

A terceira é criar demanda. Uma tecnologia não se torna competitiva simplesmente porque existe. Ela precisa ser testada, certificada, comprada, incorporada a processos produtivos e utilizada em escala. Grandes empresas e o Estado podem desempenhar um papel muito maior como primeiros clientes, especialmente em tecnologias que apresentam alto potencial, mas ainda não têm escala comercial.

Isso significa olhar para inovação também pelo lado da demanda. Não apenas perguntar quanto investimos, mas quanto conseguimos criar condições para que novas tecnologias sejam efetivamente utilizadas.

Ecossistemas locais precisam se conectar entre si e com o mundo

A quarta frente é fortalecer os ecossistemas locais e conectá-los internacionalmente.

São Paulo já está entre os 50 principais clusters de inovação do mundo. O próximo passo não deveria ser apenas melhorar sua posição, mas ampliar as conexões com Campinas, Belo Horizonte, Recife, Florianópolis, Rio de Janeiro, São José dos Campos e tantos outros polos de competência no país e, a partir deles, construir conexões mais fortes com os grandes centros internacionais.

Um exemplo recente dessa lógica está surgindo em Brasília. O lançamento do Brasília Tech Hub, no Parque Tecnológico de Brasília (BIOTIC), reúne dezenas de empresas de tecnologia e busca criar um ambiente de conexão entre empresas, universidades, centros de pesquisa e setor público. O projeto representa uma iniciativa concreta para estruturar um ecossistema de referência na capital federal e ampliar sua conexão com o Governo Federal, o Distrito Federal e o restante do país.

O ponto central é que não precisamos reproduzir modelos estrangeiros. Precisamos identificar nossas competências, construir ambientes capazes de desenvolvê-las e conectá-las aos mercados.

A capacidade das instituições também entrou na disputa pela inovação

E há uma dimensão que atravessa todas as demais: a capacidade institucional. Esse foi, para mim, um dos pontos mais relevantes da reflexão de Bruno Lanvin no lançamento do GII 2026. A velocidade da transformação tecnológica está exigindo instituições capazes de acompanhar mudanças igualmente rápidas em inteligência artificial, infraestrutura digital, energia, dados, regulação e modelos de negócios. A inovação deixou de ser uma agenda exclusivamente tecnológica. Ela exige coordenação entre diferentes áreas e diferentes níveis: internacional, nacional, regional e urbano.

Essa talvez seja uma das grandes questões para o Brasil. Temos políticas, instituições, fundos, universidades, parques tecnológicos, hubs e programas de inovação. O desafio agora é aumentar a capacidade de fazê-los produzir resultados de forma coordenada e contínua.

Isso significa acompanhar menos a quantidade de iniciativas e mais a sua capacidade de gerar transformação. Quantas tecnologias chegaram ao mercado? Quantas empresas conseguiram crescer? Quantas **patentes** se transformaram em negócios? Quanto P&D; privado se converteu em produtividade? Quantas soluções brasileiras conquistaram mercados internacionais? Quantos empregos qualificados foram criados? Quanto conhecimento produzido no país se converteu em **propriedade intelectual**, negócios e qualidade de vida?

O Brasil precisa elevar a ambição sobre o papel da inovação

Mas talvez seja hora de ir além de simplesmente aperfeiçoar os mecanismos existentes. O Brasil precisa elevar sua ambição sobre o papel da inovação no desenvolvimento econômico.

Isso significa colocar ciência, tecnologia e inovação no centro da estratégia industrial; aproximar empresas e centros de pesquisa; criar financiamento capaz de acompanhar tecnologias até a escala; utilizar o poder de compra de grandes empresas e do Estado para abrir mercados; conectar ecossistemas brasileiros entre si e com o mundo; formar e atrair talentos; e construir um ambiente institucional que permita que empresas inovadoras assumam riscos, cresçam e compitam globalmente.

Continuação: Deep innovation: o desafio de transformar ciência em negócios no Brasil

Essa transformação exige visão de longo prazo e continuidade. Não será resultado da ação isolada de uma empresa, universidade, governo ou investidor. Dependerá da capacidade de diferentes atores atuarem sobre uma mesma agenda, com objetivos claros e métricas que valorizem impacto.

O Global Innovation Index 2026 mostra que o Brasil já acumulou ativos relevantes e que existe uma trajetória de avanço. O desafio agora é transformar essa base em um sistema capaz de produzir resultados mais amplos, sustentados e distribuídos pelo país.

No mundo que está emergindo, o conhecimento científico será cada vez mais estratégico. A inteligência artificial acelerará os ciclos de inovação. O capital continuará buscando tecnologias capazes de criar novos mercados. E as economias que conseguirem combinar ciência, talento, infraestrutura, capital, empresas e demanda estarão mais preparadas

para competir.

Para o Brasil, portanto, a questão não é mais demonstrar que somos capazes de inovar e sim transformar essa capacidade em escala, produtividade e desenvolvimento. Essa, para mim, é a verdadeira fronteira da inovação brasileira.

*Gianna Sagazio é CEO da SOSA Brasil e copresidente do Portulans Institute

Fontes

â WIPO. Global Innovation Index 2026. - ranking, indicadores brasileiros e tendências globais de inovação.

â WIPO. Global Innovation Index 2026 - Special Theme: Powering Entrepreneurs at the Frontier of Science. - deep science, 30 mil empresas, US$ 7,6 trilhões, financiamento e gargalos de escala.

â WIPO. Global Innovation Tracker 2026. - P&D; global, P&D; corporativo, venture capital e produtividade.

â Embraer / Eve Air Mobility. - informações sobre o desenvolvimento e os testes do eVTOL.

â Brain4Care. - informações institucionais e científicas sobre a tecnologia e sua trajetória regulatória.

â SAGAZIO, Gianna. "O próximo salto do Brasil é transformar inovação em escala". Exame, 27 set. 2026. - artigo anterior da autora, que estabelece a discussão sobre os gargalos de escala das deep techs brasileiras. Exame

# Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais ..... 1,2
Patentes ..... 3,4,5,6
Propriedade Intelectual ..... 3,4,5,6